

Bruno Bongini

Com a contribuição do neurologista Dr. Ivanilson Alves de Oliveira



EDUCAR É MELHOR

Um guia prático para educar crianças de 0 a 10 anos

Na foto da capa: momentos lúdicos com crianças
do *Oratório de Bebê* em Aracaju (SE), com Hêtel e Héloïse Bongini

Bruno Bongini

Com a contribuição do Dr. Ivanilson Alves de Oliveira

**EDUCAR
É MELHOR**

1ª edição

Um guia prático para educar crianças

de 0 a 10 anos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Bongini, Bruno

Educar é melhor: um guia prático para educar crianças de 0 a 10 anos / Bruno Bongini. –
Timburi, SP: Editora Cia do eBook,

2019.

440 p.

ISBN 978-85-5585-247-3

1. Educação.

1. Título.

CDD 370

À toda criança para que possa ser sempre acolhida...

O homem não é nada mais daquilo que a educação faz dele

Immanuel Kant

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

<u>APRESENTAÇÃO</u>	15
<u>PREFÁCIO</u>	17
<u>INTRODUÇÃO</u>	23
<u>SERMOS FELIZES</u>	26
<u>EDUCAR É MELHOR</u>	27
<u>UM OLHAR SOBRE O MUNDO ATUAL</u>	30
... <u>A POLUIÇÃO</u>	39
<u>UM POUCO DE HISTÓRIA</u>	43
<u>COMPETIVIDADE E SOLIDARIEDADE NA SOCIEDADE</u>	49
<u>INTELIGÊNCIA?</u>	53
<u>EDUCAR É MELHOR! SIM, MAS O QUE É EDUCAÇÃO?</u>	56
<u>TRANSFORMAÇÕES DO TERCEIRO MILÊNIO E AS CRIANÇAS</u>	73
<u>INFÂNCIA VIOLADA</u>	73
<u>SOCIEDADE DOS CONSUMOS</u>	76
<u>RUMO À CIVILIZAÇÃO PÓS-HUMANA</u>	78
<u>RUMO ÀS EXISTÊNCIAS BIOARTIFICIAIS</u>	84
<u>O DESAFIO PEDAGÓGICO</u>	86
<u>SER PAIS HOJE: VISÃO LIMITADA DE FELICIDADE</u>	88
<u>TECNOLOGIA É IGUAL A PEDAGOGIA?</u>	93
<u>RESPONSABILIDADE DOS PAIS</u>	98
<u>A FAMÍLIA</u>	103
<u>OS PRIMEIROS DEZ ANOS</u>	105
<u>NOVAS ESTRATÉGIAS</u>	107
<u>O PENSAMENTO MÁGICO</u>	112
<u>PEDAGOGIA FUNDAMENTAL</u>	117
<u>PRIMEIRO ANO DE VIDA: AS ETAPAS DO CRESCIMENTO</u>	118
<u>AMAMENTAÇÃO</u>	118
<u>OS SEUS PRIMEIROS MOVIMENTOS</u>	121
<u>COMUNICA COM O CHORO</u>	121
<u>6º MÊS</u>	123
<u>DESMAME</u>	124
<u>COMPLETANDO UM ANO</u>	124
<u>18-24 MESES</u>	128
<u>O CONFLITO O AJUDA A CRESCER</u>	130
<u>3-5 ANOS</u>	131
<u>O ESPORTE</u>	136
<u>A CRIANÇA AOS 6-8 ANOS</u>	138
<u>CHEGAMOS FINALMENTE AOS 9 E 10 ANOS</u>	141
<u>A EDUCAÇÃO EMOCIONAL</u>	147
<u>O PRIMEIRO DIA DE AULA QUE QUERIA</u>	156
<u>INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO: O PROFESSOR</u>	158
<u>INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO: A ESCOLA – LINHAS GUIA</u>	161
<u>O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS (2-6 ANOS)</u>	164
<u>FALÊNCIA DA EDUCAÇÃO NA ADMINISTRAÇÃO DOS CONFLITOS</u>	175
<u>BULLYING</u>	175
<u>OS CONFLITOS SÃO NECESSÁRIOS</u>	181
<u>A BRIGA NO CASAL</u>	184
<u>A BRIGA NA CRIANÇA</u>	187

<u>AS FUNÇÕES PROTETIVAS DA BRIGA INFANTIL</u>	192
<u>ÓRFÃOS DESDE O NASCIMENTO</u>	194
<u>FAMÍLIA: BERÇO E ÚLTIMA DEFESA DA CULTURA</u>	197
<u>PERIGO DA IDEOLOGIA DE GÊNEROS</u>	206
<u>A JANELA DE OVERTON</u>	220
<u>DEPRESSÃO MATERNA</u>	234
<u>DEPRESSÃO E SUICÍDIO NA CRIANÇA</u>	239
<u>DEPRESSÃO NA CRIANÇA</u>	241
<u>O SUICÍDIO NA CRIANÇA</u>	245
<u>PREVENÇÃO</u>	249
<u>RESUMINDO</u>	255
<u>UM OLHAR SOBRE A PRÉ-ADOLESCÊNCIA</u>	257
<u>NÃO ENSINEIS ÀS CRIANÇAS</u>	260

SEGUNDA PARTE

<u>AMAR É SER FELIZ</u>	263
<u>INTRODUÇÃO À SEGUNDA PARTE</u>	265
<u>BUSCANDO A SOLUÇÃO</u>	267
<u>O REMÉDIO É A POBREZA</u>	272
<u>EDUCAÇÃO E CULTURA</u>	277
<u>EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA LINGUAGEM: MEIO DE AQUISIÇÃO DA CULTURA</u>	283
<u>EDUCAR PARA O ENCONTRO</u>	291
<u>NOVA VIDA</u>	297
<u>O SENTIDO DA VIDA É DADO PELO SIGNIFICADO DE SER PESSOA</u>	302
<u>O ENGANO DO CONHECIMENTO COM FINALIDADE EM SI MESMO</u>	306
<u>EDUCAR PARA A VIDA ESPIRITUAL: DO MUNDO PARA DEUS</u>	309
<u>UM JOVEM RICO</u>	321
<u>UM JOVEM RICO MODERNO</u>	324
<u>SER IGREJA HOJE: DA VIDA À DOCTRINA</u>	327
<u>SEGUINDO VERDADEIRAMENTE JESUS</u>	327
<u>QUAL CULTURA?</u>	338
<u>UM ERRO PEDAGÓGICO CLAMOROSO!</u>	344
<u>A CATEQUESE PARA AS CRIANÇAS</u>	348
<u>TORNAR-SE COMO CRIANÇAS</u>	354
<u>AS BEM-AVENTURANÇAS</u>	356
<u>A FAMÍLIA: MOTOR DA MUDANÇA</u>	419
<u>EPÍLOGO</u>	426
<u>AGRADECIMENTOS</u>	433
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	436

PRIMEIRA PARTE

**A ORGANIZAÇÃO COMO BASE
EDUCACIONAL E FORMATIVA**

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, a cada dia somos apresentados a novos *best sellers* pelas livrarias impressas ou virtuais. Um elevado percentual desses escritos, enumeram passos significativos, de como executar procedimentos para alcançarmos determinados objetivos. Sendo, portanto, um número pequeno dos que convocam a exercermos a faculdade do pensar, com possibilidade de ressignificarmos nossos conceitos pré-estabelecidos.

O livro: *Educar é Melhor* ratifica que o processo educacional é um desafio para a humanidade, dessa forma, itinerário infalível que conduz à humanização do indivíduo. Por conseguinte, para percorrermos esse caminho de crescimento pessoal devemos problematizar a realidade que nos cerca: qual legado deixaremos para as novas gerações? É possível vislumbrar um projeto pedagógico que contemple as dimensões do indivíduo: biológico, psíquico, espiritual e também virtual? Qual didática desenvolveremos para despertamos nas crianças, por exemplo, uma compreensão educacional atrelada à defesa do meio ambiente?

A história da saga humana revela-nos que estamos fragmentados neste trajeto de pesquisa acerca da realização do homem. Logo, é necessário continuarmos indagando sobre a importância da educação, avaliarmos nossas metodologias e avançarmos com propostas inovadoras que correspondam aos anseios da contemporaneidade, sem, contudo, deixarmos à margem os ensinamentos tradicionais vivenciados e comunicados a nós, por nossos mestres de outrora.

Bruno Bongini, convida-nos a uma análise de conjuntura e seus desdobramentos na formação do caráter da pessoa. A crise instaurada na sociedade hodierna tem fragilizado a educação básica e informal. Como consequência, os jovens expressaram encontrar dificuldades de serem compreendidos por instituições tradicionais como família, escola e religiões.

Alegam, por muitas vezes, serem ouvidos e não escutados. Uma possível leitura, dessa quebra-de-braço, entre novas gerações x instituições, deve-se ao fato de ambas as realidades não estarem alinhadas pela comunicação dos valores. Assim, encontram desafios no uso da linguagem, da hermenêutica e conseqüentemente no acompanhamento das novas perspectivas da pós-contemporaneidade.

O autor, sabiamente, aponta-nos caminhos eficazes para “*colocarmos o homem de pé*” como nos recorda Dom Helder Câmara. Desde a mais tenra infância deve-se envolver a criança na ciranda pedagógica evolucionar, desenvolvendo competências não só de caráter científico, como também no âmbito moral, ético e na cultura do reconhecimento da alteridade.

Felicito o Prof. Bongini pela excelente contribuição à sociedade com interpelações que nos fazem pensar acerca do percurso pedagógico que verdadeiramente valoriza o

humano. Neste despertar convidativo, auguro a todos, proveitosa leitura para a vida pessoal, convívio familiar e escolar.

Pe. Arlan Braga Oliveira, SDB
Diretor do Colégio Salesiano/Aracaju

PREFÁCIO

Um novo livro é muito semelhante à acolhida de um novo filho! Enche a vida de sentido, alegria, curiosidade, de indescritíveis sentimentos, emoções, surpresas, atitudes de louvor e ação de graças a Deus e, sobretudo, de esperança de um futuro de bênçãos. Mas também inquieta, interpela, e torna-se o centro das atenções de todos, exigindo cuidado e novas relações. É o novo que chega pedindo seu espaço!

Educar é melhor! É um convite a entrar em contato com o próprio processo educativo desde o início da vida - quando são fixados os registros emocionais e intelectuais, hábitos e atitudes, valores e criatividade - que determinarão o presente e o futuro de cada ser humano. No passo-a-passo da leitura desta obra, o leitor vai *reviver* toda a sua história, todo o seu processo educativo, iluminando-se para que também possa iluminar.

Justamente, neste século, em meio a tantos avanços da tecnologia, das redes sociais, da conectividade, da engenharia genética e das nanotecnologias para cuidar da vida, deparamo-nos com uma humanidade que está decaindo em seu “índice humano”, aviltada pelas grandes forças do consumismo e da dispersão das redes sociais, as quais retiram a pessoa do centro da vida, alienando-as e direcionando tudo para a dimensão econômica, para o consumo e o lucro a qualquer preço. *“Vivemos um grande analfabetismo educacional tanto nas instituições políticas e acadêmicas, quanto na família: na figura dos genitores”*, afirma o autor.

Repensar a educação a partir da realidade global que nos revela, dia após dia, estatísticas intermináveis de violência de todo tipo a que todos somos submetidos - especialmente as crianças (mesmo as recém-nascidas) - com abusos, exploração, brutalidades, tortura, chegando até à morte. Por isso, é urgente identificar os problemas, apresentar respostas às perguntas vitais, dar luzes aos desafios e inquietações, e elaborar estratégias que, nesta obra, são colocadas à disposição daqueles que acreditam em uma humanidade nova possível.

O autor conduz os leitores a um profundo e importante diálogo com as realidades atuais do mundo e do nosso País. Com clareza e extrema sabedoria vivencial, chama-nos à reflexão, (a partir de uma análise global sociológica, econômica, política, tecnológica e religiosa atualizada), sobre os impactos da cultura atual, sobre o sistema educacional familiar e escolar pós-moderno, mais ainda, pós-humano; e propõe algumas soluções.

Conhecendo um pouco do nosso autor: Bruno Bongini nasceu 1969, em Turim, na Itália. Está radicado no Brasil, em Aracaju, desde 2008, com as suas quatro maravilhosas e talentosas filhas, onde continua desenvolvendo o magistério como professor e tradutor. Em Turim, tornou-se professor do ensino fundamental. Na mesma cidade, estudou teologia na *Didaskalejon*, de inspiração salesiana, especialista em educação e desenvolvimento humano. Desenvolveu sua habilidade de educador, primeiramente pela Cáritas e, posteriormente, em algumas cooperativas da região de Turim. Sua larga experiência de educador e pai, acompanhando o processo evolutivo e educativo de suas filhas e uma acurada análise da

realidade, do contexto histórico, político, econômico, social e educacional, em constantes e rápidas transformações, entre outros, lhe conferem autoridade suficiente para tratar de tema tão instigante.

Estamos diante de um cenário histórico no qual o autor constata a falta de autênticos líderes, em todos os âmbitos que garantam os direitos humanos (e que estão sendo aviltados em toda parte), gerando uma cultura de morte onde “*o homem se torna lobo do homem*”, incitando o individualismo, a competição desmedida, a perda dos valores humanos, e a influência de interesses econômicos e políticos (independentemente de sua matriz ideológica) que geram divisão na família e na sociedade, com todas as suas consequências. A hiperconectividade dos dias de hoje coloca as pessoas numa situação de grande articulação nas redes sociais ao mesmo tempo em que as torna incapazes de relações interpessoais profundas. Enquanto o ser humano pensa ser o centro do universo e se deseduca quanto ao verdadeiro sentido da vida, acaba sendo levado cada vez mais por uma política de sobrevivência (que gera todo tipo de disputas, rivalidades e competições), destruindo a si mesmo e os outros quando coloca acima da vida o direito de enriquecer (ainda que legítimo) como meta da existência, às custas da destruição da vida humana, do planeta e dos meios de sobrevivência para todos.

A crise geral que ora vivemos traz seu desafio impactante com a desumanização que impõe a todos. A conectividade e o lidar com aparelhos eletrônicos e digitais causam problemas de atenção e aprendizado, dentre outros, durante o desenvolvimento das crianças na fase de zero a dez anos de idade. Paradoxalmente, quanto mais superconectados nas redes sociais, mais nos distanciamos uns dos outros, tornando-nos finalmente seres isolados. As pessoas estão desaprendendo a escuta do outro, o respeito ao outro, os limites, a capacidade de se ver na pessoa do outro, de sentir com o outro e crescer em sua própria identidade, a tal ponto, que muitos chegam a repensar o próprio sentido da sua existência sobre a terra, e por vezes cometem suicídio.

Bongini alerta para a interferência das grandes potências econômicas que avançam com suas novas engenharias sobre a área da alimentação artificial (carne sintética produzida em laboratório, hormônios em taxas elevadas nos alimentos), da produção e comercialização de novos fármacos, sem avaliar devidamente suas potenciais consequências maléficas e colocando em risco a vida humana. Além disso, faz uma análise global dos impactos sobre a má exploração da água, do solo, das riquezas naturais, dos agrotóxicos, tudo isso gerando altos custos econômicos, atingindo de modo particular os mais vulneráveis: as crianças, desde o ventre materno, tudo em vista do econômico e do material, negligenciando o ser humano que deveria estar no centro das atenções. Nisto se revela a fragilidade da educação e da formação cultural humana atuais.

Nem tudo é condenável e muitas novas tecnologias vêm, não só para produção de alimentos ou comunicação por exemplo, mas para melhorar ou corrigir deficiências físicas, incorporando chips e outras implantes que passam a fazer parte do corpo humano. Em instantes temos diagnósticos precisos o que representa um grande avanço no cuidado da vida. Porém, os interesses econômicos da indústria da saúde e das operadoras de planos de saúde se fazem cada vez mais presentes na prática da medicina, interferindo na tradicional relação médico-paciente, mercantilizando-a de maneira, muitas vezes, brutal. Assim, para afrontar toda essa problemática concatenada, diz o autor, é preciso grande vontade política

e um impulso novo que só podem vir das novas gerações educadas de forma diferente, como novos cidadãos.

Os homens e mulheres do amanhã são as crianças de hoje, que temos o dever de educar para a solidariedade e o acolhimento da pessoa do outro, do diferente, da interculturalidade, que levem a uma convivência harmônica, com o propósito de um mundo melhor. Ainda temos esperanças de que um retorno aos valores essenciais da vida humano-divina seja possível. Porém, é preciso lembrar que: *“dar o exemplo não é a melhor forma de educar... é a única!”* - Simone Monteiro.

Ao abordar o tema da família numa sociedade em transição, submetida à bipolaridade da globalização e da interculturalidade (que trazem novos conceitos positivos e negativos), coloca-se a grave questão do despreparo dos casais para geração dos novos seres humanos. Aqui sublinho a importância da preparação dos pais para a criação dos seus filhos.

Na sequência, Bongini apresenta um pouco de história da educação dizendo que, na sociedade globalizada, é preciso enfrentar temas novíssimos e em contínua mudança do ponto de vista sociológico, político, das relações de trabalho e familiares. Todos estes aspectos influem diretamente na pedagogia moderna, ou melhor ainda, pós-humana. Embora para as crianças, em sua fase inicial de vida, a estrutura de base seja sempre a mesma: *“precisam encontrar um ambiente de acolhimento, de cuidado, muito amor e de educação; para que possam desenvolver-se como seres solidários e protagonistas da história, livres com relação ao dinheiro: que é um recurso de sustentabilidade”*. E a história evolui mesmo diante da globalização e da interculturalidade. Frente às rápidas transformações pelas quais passa a sociedade (que afetam o agir humano e toda a relação com o planeta), é preciso refundar estas relações para que as gerações futuras possam usar os novos recursos com equilíbrio e inteligência. Em virtude desta grave realidade, o desafio pedagógico está em dar a atenção que a educação requer desde o início da vida.

Em meio a uma sociedade de consumo, a humanidade caminha para uma civilização pós-humana onde grandes são os desafios bioartificiais. Mas todos sabemos que o ser humano é uma entidade complexa tridimensional, assim como é abordado neste compêndio – bio, psico, espiritual. Esta tríade exige preparação dos pais e educadores a partir de sua experiência pessoal. A criança cresce e se desenvolve plenamente quando também é dada atenção à sua dimensão divino-espiritual. O ser humano é um ser espiritual que se diviniza na medida em que se relaciona com o transcendente. E isso está latente em seu DNA desde o momento da fecundação. A dimensão espiritual e o convívio com a pessoa de Jesus não podem ser relegados a um segundo plano, muito menos ignorados, pois são parte intrínseca do ser humano concebido à imagem e semelhança de Deus. Se esta imagem é obscurecida a pessoa cresce com um vazio existencial. O contrário será uma pessoa equilibrada, feliz, capaz de resiliência e enfrentamento de cada evento adverso em sua história de vida.

O autor cita Erich Fromm, sublinhando que *“o objetivo de educar, o objetivo da vida, é aquele de trabalhar com alegria e encontrar a felicidade”*; educando para a criatividade e a responsabilidade. Mas qual a chave da felicidade? Todos aspiramos a um mundo mais justo e mais humano, mais samaritanamente solidário. A partir dos elementos aqui oferecidos, com fundamento em tantos especialistas, temos em mãos a certeza de que é possível transformar o mundo. Enfim, a educação desde o ventre materno, eu diria (pois tudo o que a mãe vive,

come, bebe, faz e sente, a criança vive, alimenta-se e sente) influenciará e determinará o futuro de cada ser humano. E é comprovado que a ruptura com o divino - com Deus - gera adoecimento nas pessoas, sendo uma das causas da doença do século XXI: a depressão. Com Ele temos todos os recursos necessários para mudar os paradigmas e axiomas que impedem a educação integral do ser humano, especialmente na etapa de zero a dez anos: que marcará para sempre a vida de uma pessoa.

Este livro é uma fonte abundante de esclarecimentos, com enorme potencial de transformação a ser oferecido aos pais, educadores, profissionais dos mais variados campos e todas as pessoas que tiverem interesse em se aprofundar neste tema tão atual, crucial, polêmico e imprescindível à vida humana (particularmente de zero a dez anos de idade), ajudando-nos a compreender melhor e lidar com os impasses num momento tão agudo de contradições, incertezas, sofrimentos e angústias; tornando-se uma luz para todos que buscam novas possibilidades na educação, em particular pais e educadores. Todas as instâncias da sociedade precisam tomar conhecimento desta obra e pô-la em prática, só assim teremos uma verdadeira educação em nosso país e nos idiomas onde ela chegar.

Felicitando o autor, expresso um sentimento de gratidão - muito especial e merecido - por todo empenho, dedicação e por tudo o que contêm estas páginas inovadoras, originais, profundas e criativas; repletas de possibilidades para um novo tempo na educação. Grande é sua contribuição nesta hora de reconstrução do nosso país – o Brasil. São três anos de dedicação pesquisando, organizando, classificando, costurando tudo com fio de ouro. Obrigada, Bruno Bongini, para mim foi um dos melhores livros sobre a educação que já li. Obrigada também por abrir esta janela pela qual muitos poderão olhar para si mesmos, acolher, amar, cuidar e acompanhar seus filhos (que são um dom de Deus), de modo que sejam protagonistas da história, construtores de um mundo melhor, mais humano e solidário, com a prática de uma autêntica educação, pois estou convicta de que: **“Educar é Melhor”**.

Marisa Inêz Mosena

Irmã Ministra dos Enfermos de São Camilo
Professora Regente de Ensino Fundamental
Experiencia em magistério ginásio, supletivo e MOBREAL
Bel. Serviço Social
Especialista em Bioética e Pastoral da Saúde
Mestranda em Ética Teológica

INTRODUÇÃO

Quando foi publicado o meu livro anterior, *Escutai-O*, já tinha começado a escrever a segunda parte desse livro, assim como tinha prometido, no epílogo da obra citada. Posteriormente, vi como o assunto, aos poucos, tomava forma, aumentava e me levava em direção a questões que não era minha intenção abordar inicialmente. Foi então um percurso novo, inesperado e, em alguns momentos, extremamente trabalhoso. Veio, assim, a ser criada toda a primeira parte que, com um amplo sentido, adquire um valor fundamental e torna-se imprescindível para a harmonia da obra em si, que ofereço de bom grado à atenta leitura e análise do leitor, para poder enfrentar e entender a segunda, a qual, acredito, contém a mensagem principal, pelo menos a originária, pensada inicialmente.

Uma visão orgânica do assunto permitiu ampliar o discurso sobre a educação que, para mim, começa com as “*Scuole Superiori Magistrali*” em Turim, onde conheci na época o jovem Daniele Novara (que agradeço publicamente), anteriormente educador e, posteriormente, excelente pedagogo e escritor. Hoje, o seu Centro Pedagógico em Piacenza (Itália), é uma referência para grande parte da Europa.

O tema tratado, passa da pedagogia a uma análise sociológica atual do nosso sistema familiar e escolar, buscando colocar em evidência as falhas e propor, conseqüentemente, soluções ao que se refere o crescimento e a educação da criança de 0 a 10 anos. Ressaltando nos vários capítulos, um grande analfabetismo educacional por parte das instituições políticas e escolares, além, infelizmente, das figuras dos pais; quis, no entanto, fornecer respostas concretas e alternativas práticas imediatamente aplicáveis em campo. É fundamental compreender que o desenvolvimento da criança se insere no interior de um projeto político e social bem definido e estruturado. A criança de fato, é um cidadão que será, inevitavelmente, um recurso para o País inteiro ou um problema para a sociedade. A diferença entre as duas posições é dada por uma adequada educação ou pela falta dela. Os pilares desse projeto são a família e a escola. É imprescindível uma formação dos pais para conseguir acolher os próprios filhos, bem como uma adequada formação dos educadores e dos professores, dentro do sistema escolar, que deve se mover, necessariamente, em sinergia com cada uma das famílias, para a criança crescer. O processo evolutivo acompanhado pelas entidades estatais em todo o seu percurso, de maneira homogênea, descritiva e bem delineada, está na base de uma repetição não contingente, mas essencial para o sucesso do projeto educacional.

É essencial não se esconder entre os desdobramentos da retórica e afirmar que tal discurso implica no empenho temporal de diversas décadas. O Estado que decide começar por esse tipo de inovação estrutural, deve ir além das tendências e posições de partido fundadas por desapontamentos pseudoidealísticos. Introduzir um novo método educacional no meio de um país desestruturado, como geralmente é encontrado em muitas realidades nacionais mundiais, engloba e envolve uma duração cíclica importante, não viável exclusivamente por poucos anos. Devemos evidenciar que uma mudança de geração que

compreenda os pilares sociais como os evidenciados, não termina com um mandato presidencial ou com a alternância política. Investir no futuro do País, significa investir nas pessoas: criar verdadeiros profissionais que possam de um lado formar professores e educadores, do outro cuidar e acompanhar os pais no período de gestação da criança, continuando com um monitoramento familiar para a inteira duração da infância. Se é importante verificar os progressos do lado médico, com prevenções às doenças, através de vacinas e visitas médicas periódicas (pediatra, dentista, oftalmologista, etc.), o é também quanto ao aspecto educacional, acompanhando o crescimento e o desenvolvimento da criança.

A articulação dos capítulos que, graças ao amigo Dr. Ivanilson Alves de Oliveira, excelente neurologista brasileiro, encontrou uma colocação lógico-descritiva na sua sucessão, é então fruto de três anos de intensa dedicação, na qual no meio das minhas atividades cotidianas ocupou o restante do tempo.

No meio dessas coordenadas desenvolvemos o tema de como conseguir enfrentar o dever fundamental da família e da sociedade, ou seja, o de educar os nossos filhos, não para prepará-los à “guerra da sobrevivência”, baseada em estereótipos alienantes e autodestrutivos, mas para oferecer-lhe os verdadeiros instrumentos para poder acolher a vida, conscientes e respeitosos da existência de si mesmos e dos outros, com os quais compartilham esse grande dom. Os adultos, sobretudo os pais, de fato, têm um grande impacto na vida dos menores. As crianças imitam e guardam palavras e comportamentos dos adultos, que aos poucos formarão a sua personalidade. As palavras têm um enorme poder e aquelas corretas podem acompanhar o desenvolvimento de uma criança e fazê-la crescer com a devida serenidade. A principal responsabilidade fica então para os adultos, que com as suas *vozes* deverão guiar os pequenos através de um crescimento correto. Esse livro lhes ensinará a descobrir um mundo inexplorado que faz parte deles desde sempre e que não conhecem, porque ninguém nunca lhes revelou a existência. Quando estarão conscientes lhes parecerá ter descoberto um tesouro, na verdade, o verdadeiro tesouro. De fato, tenho a certeza de oferecer aos leitores um livro eminente e importante, cujas características e peculiaridades serão aos poucos descobertas, avançando com uma cuidadosa e meditada leitura.

O conselho e o augúrio, por fim, que sinto de dar e fazer aos operadores educacionais, professores e obviamente pais, é o de oferecer o máximo das próprias capacidades, para que, observando a criança perante si, possam ver-se quando pequenos e o futuro de toda a humanidade. Olhando os seus gestos ouvindo a sua voz, possam reconhecer os movimentos sinuosos das flores que ritmam dançantes ao gentil passar da brisa e o som de uma melodia, que flui de maneira leve e elegante, entre um passado que não existe mais e um futuro que já é presente; que exprime toda a beleza do Amor no perfume suave da esperança, no meio de uma realidade continuamente florescente, em que se realiza o processo itinerante da salvação, que se chama história.

O autor

SERMOS FELIZES

Não existe dever algum da vida,
há apenas o dever do sermos felizes.
Por isso apenas, nós estamos no mundo,
e com todos os deveres
e com toda a moral
e com todos os mandamentos
difícilmente nos tornamos felizes uns com os outros,
porque nós mesmos não os tornamos felizes.

Se o homem pode ser bom,
pode sê-lo somente
se ele é feliz,
se ele tem em si mesmo harmonia,
então se ele ama.
Esse foi o ensinamento,
o único ensinamento do mundo;
isso dizia Jesus,
isso dizia Buda, isso dizia Hegel.

Para cada um a única coisa importante no mundo é:
a própria interiorização
a própria alma
a própria capacidade de amar.
Se essas estiverem em ordem
podem comer-se milho ou doces,
usar trapos ou joias.
Então o mundo ressoará claramente com a alma,
tudo é bom,
tudo está em ordem.

Herman Hesse

EDUCAR É MELHOR

As pessoas podem duvidar do que dizes, mas acreditarão no que fazes

C.S. Lewis

Hoje os espectros do ódio e do medo pairam amplamente nas questões mundiais.

O mundo está colhendo os terríveis frutos da retórica, impregnada de divisões, ameaças e sede de poder, que coage à normalização de maciças discriminações em detrimento dos grupos marginalizados.

Nos anos passados, o nosso mundo foi imergido nas crises e importantes líderes nos propuseram uma visão terrível de uma sociedade cega pelo ódio e medo. Isso reforçou aqueles que promovem a intolerância, mas também inspirou ainda mais pessoas a pedir um futuro de maior esperança.

Os líderes mundiais negligenciam os direitos humanos: são bem poucos os governos que estão do lado dos direitos humanos. Muito pelo contrário, os chefes estão colocando impiedosamente a risco os direitos de milhões de pessoas. E a débil resposta dos crimes contra a humanidade e os crimes de guerra cometidos, destacando a falta de dirigentes, fazem recuar vergonhosamente os ponteiros do relógio em relação às décadas de conquistas para os direitos humanos. Também o protestar ou criticar em manifestações ou encontros está se tornando sempre mais perigoso, mas nos lembremos sempre que bilhões de pessoas não têm nem sequer acesso aos bens e serviços fundamentais, desde a comida aos tratamentos médicos, alimentando a insatisfação social e prevendo o risco de revoltas. As pessoas mostraram claramente que querem exatamente os próprios direitos humanos universais, luta que sempre foi promovida pelas próprias comunidades.

Devemos nos responsabilizar pela crise profunda das nossas sociedades. Mas é nas nossas potencialidades coparticipativas para um processo de emancipação das nossas comunidades: começando pela pobreza econômica e pelo mal-estar social em todos os seus aspectos (educativo, cultural e laboral) criado pela competitividade desenfreada que nos “obriga” ao canibalismo recíproco não exclusivamente de emoções e sentimentos (“*mors tua, vita mea*”, de latina memória).

Os cenários políticos do XXI século se vislumbram de uma premissa de base: as ideologias dos anos mil e novecentos dos partidos de direita e de esquerda esgotaram a sua força motriz. A filosofia terminou o seu percurso tragicamente, com os últimos pensadores suicidas (Nietzsche, Sartre, Deleuze...), deixando o problema sobre o sentido da vida não resolvido, mas passando a vez para uma psicologia que nasce como controle das massas e se desenvolve com desconsiderado delírio de onipotência individual e infelizmente pouco mais do que isso: *“Fui educado a ser incapaz de me expressar. Na escola não há expressão, antes de tudo*

o que te dizem ali é de ficar calado. O Falar não existe na minha educação; não me foi permitido levantar-me e criticar... então não consigo te falar, porque estou em uma sociedade que não fala, mas vive de ilusões e pantomimas que não significam nada.”¹

Enfim, é necessário repensar no seu complexo o sentido da nossa presença na Terra.

Trata-se de compreender a recaída política dessas transformações, que não são apenas sociais e econômicas, mas que agem a nível mental e existencial profundo, graças também aos desenvolvimentos das tecnologias da comunicação e da *conectividade em rede*. Todos, a essa altura, concordam com o âmbito antropológico do conhecimento prático, mas faltam as chaves interpretativas adequadas às repercussões nas quais estamos inseridos. A realidade física integrada sempre mais com a *rede* atualmente, faz de nós homens e mulheres novos. Mas como?

“Depois de séculos de treinamento para ganhar, devemos ensinar aos nossos jovens a saber ‘perder’, a saber renunciar, a conceder ao outro o direito de existir. No seu ser diferente. Devemos ensinar a eles a não buscar sempre ter razão sobre tudo. Para tentar entender as razões do outro, para todos terem um pouco de razão.

Depois de séculos de ‘personalização’ devemos ensiná-los a ‘despersonalizar-se’, a saber sair dos próprios esquemas de pensamento, dos próprios mapas mentais, para conseguir compreender melhor o outro. Precisamos de uma nova geração que saiba estar junto sem se canibalizar um com o outro, sem desfrutar do mais fraco e sem odiar o mais forte. Precisamos que as novas gerações aprendam a tolerância à frustração, para não ficar bravos demais conosco por causa do mundo que estamos lhes deixando. Precisamos que aprendam a partir dos erros. Que aprendam a falar e não a gritar, a escutar-se, por empatia também, a respeitar as diferenças. A colaborar e não a competir.” - Giovanni Scarascia (professor italiano).

¹ J. Hillman - M. Ventura: *“Cem anos de psicoterapia e o mundo está cada vez pior”*; 1995 - pág. 254

UM POUCO DE HISTÓRIA

Não existem crianças difíceis, mas apenas pais difíceis e uma humanidade difícil

Alexander Neill

Querendo introduzir um discurso pedagógico, deve-se começar pelo aspecto histórico da educação. Não tendo a mínima intenção de usar meu tempo onde já existem milhões de manuais muito exaustivos, queria apenas contextualizar o sistema educativo de hoje, com uma pequena introdução, mas que acredito seja essencial e significativa, de onde extrair as bases para um discurso construtivo moderno, na verdade, pós-humano...

No século XVIII desenvolveu-se um movimento filosófico, o progressismo (em que lembramos os principais nomes como Locke, Voltaire, Frobel, Pestalozzi e Rousseau), que começou a espalhar ideias sobre liberdade, democracia e autodeterminação. Em seguida, a partir da primeira metade de 1900, essas ideias também entraram e se desenvolveram em campo pedagógico, graças sobretudo a Maria Montessori, médica e pedagoga italiana, John Dewey, filósofo e pedagogo americano, e Alexander Neill, pedagogo escocês. Se contrapunha à pedagogia clássica e tradicional que nos acompanhou por muitos séculos, no qual o autoritarismo, a disciplina (incluída de punições e expulsões) e o esforço pessoal eram as bases do âmbito educacional: uma espécie de quartel militar, onde quem não morre, continua. No leste europeu, como alternativa às ideias de Dewey e dos progressistas, encontramos a figura de Makarenko, educador soviético que introduziu o conceito de trabalho produtivo, direcionado ao sistema educativo extremamente rigoroso, e a teoria dos coletivos, inspirados pelos valores marxistas e comunistas. Outras figuras se destacaram no século passado (Lorenzo Milani, Roger Cousinet, Adolphe Ferrière, Carleton Washburne...) pela sua pedagogia, mas não de maneira tal relevante como os citados pensadores.

Hoje, no entanto, é necessário repensar um sistema educacional em função e no olhar pós-moderno, ou como já dito, melhor definir como pós-humano. As nossas sociedades globalizadas devem enfrentar temáticas novíssimas e em constante transformação, do ponto de vista sociológico, político, laboral e, sobretudo, familiar. Mas como tudo isso afeta a pedagogia moderna? Podemos salvar alguma coisa nas décadas finalizadas agora, trazendo apenas algumas mudanças, ou é necessário refazer tudo?

As crianças continuam as mesmas, as suas estruturas e exigências são sempre iguais, principalmente nos primeiros anos de vida. Para elas não existem épocas medievais, contemporâneas, modernas ou pós-humanas. Existe o direito de serem acolhidas, amadas e formadas adequadamente, a fim de que esse mundo possa resgatar uma civilidade que não viva exclusivamente de cibernética, interesses, divisões e guerras, mas também de humanidade e solidariedade. Uma raça humana respeitosa pelo outro, pelo diferente e pela natureza, deixando finalmente de lado os interesses individualistas e de poucos, baseados sempre no único deus comum a todos: o dinheiro!

Mas o que é o dinheiro? Não é uma realidade objetiva, não tem valor objetivo. Tomemos como exemplo o euro ou o dólar. Olhem bem para eles, não têm valor nenhum. Não se podem comer, nem beber, não se podem vestir. Porém surgiram esses geniais contadores de histórias, os grandes banqueiros, os ministros das finanças, os primeiros-ministros, e nos apresentaram uma história muito convincente: *“Veem esse pedaço de papel? Na verdade, vale 10 bananas.”* Se eu acredito, se vocês acreditam, se todos acreditam, então funciona de verdade. Posso pegar esse inútil pedaço de papel e ir ao supermercado, dá-lo a um completo estranho, que nunca vi antes, e conseguir em troca verdadeiras bananas que posso de fato comer.

É algo extraordinário. Não funcionaria nunca com os chimpanzés. Os chimpanzés trocam, naturalmente: *“Se me der um coco, eu te dou uma banana. Assim está certo. Mas se me der um pedaço de papel, espera em troca uma banana? Está realmente enganado! Quem você acha que eu sou, um humano?”*

O dinheiro é, de fato, a história de maior sucesso já inventada pelo homem, porque é a única história a quem todos acreditam. Nem todos acreditam em Deus, nem todos creem nos direitos humanos, nem todos acreditam nos nacionalismos, mas todos acreditam no dinheiro.

Hoje as nossas sociedades estão baseadas na economia e nas finanças, deixando que as pessoas acreditem que o fator mais importante seja o de serem livres. Porém, cuidado! Liberdade demais pode causar muito mal: normalmente leva a ficar correndo atrás de ilusões de todo tipo e, sobretudo, gera... escravos!

“O princípio basilar subentendido ao conceito de autodeterminação é o de substituir a liberdade à autoridade, de educar a criança sem recorrer à força, apelando à sua curiosidade e aos seus desejos instintivos, interessando-o assim pelo mundo que o rodeia.

Essa atitude marcou o começo da educação progressista e foi um importante passo para frente no desenvolvimento da civilidade...

Eu estou convencido que a ideia de dar liberdade às crianças não seja errada, mas que tenha sido quase sempre pervertida. Para tratar com clareza o assunto devemos antes entender qual seja a natureza da liberdade; e para fazê-lo devemos distinguir autoridade coercitiva de autoridade anônima.

A passagem de uma autoridade coercitiva popular no século passado, à autoridade anônima do atual século é devida das necessidades organizativas da sociedade industrial moderna. A acumulação do capital determinou a formação de empresas enormes dirigidas por burocracias organizadas hierarquicamente. Grandes massas de operários e funcionários trabalham juntos, e cada indivíduo é parte de uma máquina produtiva e organizada em cada detalhe que para funcionar deve fluir normalmente e sem obstruções. O operário é apenas uma engrenagem da máquina. Em uma organização desse tipo o indivíduo é constantemente dirigido e manipulado. Também na esfera dos consumos (na qual o indivíduo exprime a sua livre escolha) é controlada, dirigida e manipulada de maneira análoga. Em cada aquisição, seja comida, vestimenta, licores, cigarros, estamos submetidos à ação de um poderoso sistema de sujeição que age com duas finalidades: de um lado, fazer surgir continuamente novas necessidades no indivíduo e da outra endereçar essas necessidades nos canais que oferecem à indústria os lucros mais elevados.

O homem é transformado em consumidor, em um eterno bebê, o qual único desejo é o de consumir uma maior quantidade de coisas “melhores”.

O nosso sistema econômico deve criar indivíduos que sejam adequados às suas necessidades; indivíduos que sejam administráveis sem dificuldades, que queiram consumir sempre mais. O nosso sistema deve produzir indivíduos de gostos padronizados, facilmente influenciáveis e de desejos facilmente previsíveis.

O nosso sistema precisa de indivíduos que acreditem serem livres e independentes, mas que, mesmo assim, se comportem como se espera que se comportem, homens que se insiram sem atritos na máquina social, que possam ser guiados sem força, comandados sem chefes, e endereçados sem outra ambição a não ser aquela de fazer as coisas “bem-feitas”.

A autoridade não desapareceu, nem perdeu nada da sua força, mas se transformou na autoridade anônima da persuasão e da sujeição.

Em outras palavras, para adaptar-se, o homem moderno precisa iludir-se que tudo venha a ser feito com o seu consentimento e de não tomar consciência de como o consentimento lhe seja arrancado com um sutil processo de manipulação. O consentimento lhe é extorquido em nível inconsciente, às suas costas.

Na educação progressista põe-se em prática os mesmos artifícios. A criança é obrigada a engolir a pílula, mas dessa vez recoberta com uma fina camada de açúcar.

Os pais e os educadores confundiram a autêntica educação não autoritária com a educação mediante a persuasão e a coerção oculta. A educação progressista então é esvaziada de significado. Fracassa no seu objetivo, nunca tendo conseguido tornar-se aquilo que queria ser e nunca alcançando o ponto em que queria chegar.

O objetivo do educador – o objetivo da vida – é aquele de trabalhar com alegria e de encontrar a felicidade.

A felicidade significa encontrar interesse pela vida; ou melhor, de responder à vida não apenas com o cérebro, mas com a inteira personalidade.

Na educação não é suficiente promover o desenvolvimento intelectual. A educação deve se dirigir seja para a esfera emotiva que para a intelectual. Na sociedade moderna, encontramos uma sempre maior distância entre intelecto e sentimento.” - Erich Fromm ²

As experiências do homem atual, em uma sociedade pós-humana, são em grande parte mediadas pelo pensamento e não refletem aquilo que sente o coração, aquilo que o olho vê e o ouvido escuta. De fato, essa separação entre intelecto e sentimentos conduziu o homem de hoje a um estado mental praticamente esquizofrênico, que o tornou quase incapaz de perceber algo de maneira autêntica, imediata.

Lembremos que a disciplina imposta dogmaticamente e as punições provocam medo; do medo nasce a hostilidade. Essa pode até não estar aberta e consciente, mas em cada caso paralisa a espontaneidade e a autenticidade dos sentimentos, limitando consideravelmente um correto e equilibrado desenvolvimento da criança. A doutrinação disciplinar é nociva para as crianças e bloqueia a sua evolução psíquica.

Mesmo os *sentimentos de culpa* são um obstáculo nesse fundamental caminho para a independência. De fato, fizeram a função de submeter a criança à autoridade: provocam o surgimento de processos emotivos que oscilam continuamente entre rebelião, submissão e ainda rebelião. O sentimento de culpa assim como vivido pela maior parte dos indivíduos da nossa sociedade, não é, infelizmente, advindo da voz da consciência, mas é essencialmente a sensação de ter desobedecido à autoridade e o conseqüente medo da punição. Todos esses sentimentos de culpa fazem nascer o medo, e desse, nascem a hostilidade e a hipocrisia ou indiferença. Todos aspectos ligados à sobrevivência, nunca a uma vida autêntica.

² Retirado do livro de **A. Neill**: *I ragazzi felici di Summerhill* – 1979

O equilibrado desenvolvimento das qualidades humanas faz com que a criança, no final desse maravilhoso percurso que é o crescimento, corte as ligações que a unem aos pais e se torne completamente independente. Terá aprendido a enfrentar o mundo como pessoa, então.

Terá aprendido a encontrar o seu caminho seguro, não se deixando viver passivamente, mas com a capacidade de agarrar o mundo intelectual, emocional, artística e espiritualmente. As crianças crescidas assim são levadas a desenvolver com meios próprios a criatividade, racionalidade, amor, honestidade e coragem; qualidades que representam os objetivos da tradição humanista ocidental.

Deve servir-se de cada sua capacidade para encontrar uma relação com o mundo e com os outros, não de maneira submissa ou em perene conflito, mas ultrapassando esses aspectos de maneira sã e formativa. A verdadeira educação, além das etiquetas linguísticas ou semânticas, deve então adaptar-se às capacidades e a todas às necessidades da criança enquanto pessoa protagonista da própria existência, desenvolvendo adequadamente esses processos formativos. Na realidade não se busca educar as crianças de maneira que se insiram facilmente na ordem social existente, mas se procura fazer crescer as crianças de maneira crítica, consciente, pessoal, cooperando com os outros para um mundo melhor e aceitando também as derrotas, que a vida, inevitavelmente, nos põe no caminho, para que possam se tornar homens e mulheres autênticas, convencidos que não seja importante aquilo que se tem e que se consome, mas sobretudo aquilo que se é: pessoas realizadas e portanto felizes.

.....

Um livro fundamental para pais e educadores no enfrentamento da difícil tarefa que os aguardam na formação de uma nova vida; delineando e praticando aquelas estratégias pedagógicas insubstituíveis para que seja possível excluir erros irreversíveis na maravilhosa existência dos nossos filhos.

Vivemos um grande analfabetismo educacional tanto nas instituições políticas e acadêmicas, quanto na família.

A criança, de fato, é um cidadão que será, inevitavelmente, um recurso para o país inteiro ou um problema para a sociedade. A diferença entre as duas posições é dada por uma adequada educação ou pela falta dela. *”O autor sabiamente nos aponta caminhos eficazes para colocarmos o homem de pé”* - Pe. Arlan Braga Oliveira, SDB, Diretor do Colégio Salesiano de Aracaju.

Estas páginas vos surpreenderão pela clareza e simplicidade de um moderno ensinamento, com uma didática praticável por qualquer um que ame realmente as crianças. *“Para mim foi um dos melhores livros sobre a educação que já li”* - Prof.a Marisa Inêz Mosená.

“O autor nos oferece uma visão das mentes mais lúcidas desse momento. Um livro que abençoo” - Dom Mario Rino Sivieri, Bispo Emérito de Propriá - SE.